

41º. Encontro Anual da ANPOCS

GT 33: Trabalho, trabalhadores e ação coletiva

3ª. Sessão: As múltiplas faces do trabalho hoje

Trabalho artístico musical: Investigação social das condições e relações de trabalho no campo da música contemporânea e do mercado de trabalho do músico em São Luís – MA.

Paulo F. Keller

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais

Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Sociedade

Universidade Federal do Maranhão

E-mail: paulo.keller@uol.com.br

RESUMO: Nosso trabalho parte de uma problematização da condição laboral do artista na sociedade capitalista contemporânea. Delimitamos como nosso objeto de pesquisa os trabalhadores que atuam no campo da música na cidade de São Luís - Estado do Maranhão. Consideramos que as expressões artístico-musicais resultam de processos de trabalho e de produção e que implicam relações de trabalho e de profissão específicas. Nossas questões centrais de pesquisa indagam: Qual a natureza do trabalho artístico? Quais as especificidades do trabalho artístico musical? Quais as condições de trabalho dos músicos? Como ocorrem as relações de trabalho no interior dos processos de produção de música? De que forma os músicos se inserem no mercado de trabalho? Nossa investigação desenvolve uma abordagem sociológica do trabalho artístico musical utilizando metodologias qualitativas e quantitativas. Em nossa pesquisa conjugamos os métodos da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental, da análise estatística, da amostragem, da observação direta e da entrevista. Consideramos o campo da música um espaço vasto e heterogêneo que envolve diversas formas de trabalho. Estas diversas formas de trabalho são analisadas interagindo ao longo de uma cadeia e dentro de um arranjo produtivo (criativo) da música. Neste arranjo da música temos interesse de pesquisa nas relações dos trabalhadores do *núcleo criativo* (compositor; arranjador; intérprete – cantor; e, instrumentista) com empresários, produtores, produtoras e seus fornecedores, com as mídias, com a indústria fonográfica, e com a gestão de direitos. No contexto socioeconômico das artes no capitalismo flexível onde prevalecem formas de trabalho não assalariada, auto-emprego, o *free-lancing* e diversas formas atípicas de trabalho, diversos autores apontam para um processo de abandono da dimensão laboral e maior ênfase na figura do empreendedor artístico-cultural. Olhando para a realidade social dos artistas que atuam na cidade de São Luís (MA) indagamos: Quais os tipos de contrato de trabalho predominantes no mercado de trabalho da música em São Luís - MA? De que forma os músicos vivenciam os dilemas e contradições do trabalho artístico que busca o reconhecimento profissional tendo que gerir uma situação de precariedade e de incerteza/instabilidade? Em que medida as políticas neoliberais com o novo espírito do capitalismo e a privatização da cultura forçam os artistas-músicos a se tornarem *artistas empreendedores* em uma forma de precarização de si por meio do trabalho por conta própria, do trabalho autônomo ou da produção independente?

PALAVRAS-CHAVE: trabalho artístico; arte; músico.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho traz uma contribuição aos debates do GT – 33 “Trabalho, trabalhadores e ação coletiva” a partir de reflexões teóricas e de análise de dados empíricos preliminares de projeto de pesquisa (Apoio FAPEMA) que se encontra em sua fase inicial no Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA: “O trabalho do artista: Investigação social das relações de trabalho na produção musical contemporânea e do mercado de trabalho do músico em São Luís – MA”.

Nosso tema é o trabalho e a produção da arte musical na sociedade capitalista contemporânea. Nossa pesquisa parte de uma problematização mais ampla da condição laboral dos trabalhadores do campo artístico e cultural na sociedade capitalista contemporânea. Nosso objetivo geral é problematizar e investigar as condições e as contradições do trabalho e da produção de arte musical na sociedade contemporânea a fim de compreender as transformações do mundo do trabalho no âmbito da arte e da cultura.

Em nossa investigação temos interesse em olhar as especificidades e peculiaridades do trabalho artístico musical, as condições laborais dos profissionais da música, as dinâmicas de seu mercado de trabalho e as lutas e contradições do mundo do trabalho artístico musical.

Nossas questões centrais de pesquisa indagam sobre: Qual a natureza do trabalho artístico? Quais as especificidades do trabalho artístico musical? Quais as condições de trabalho dos músicos? Como ocorrem as relações de trabalho no interior dos processos de produção de música? De forma os músicos se inserem no mercado de trabalho?

Dentro da questão da inserção do músico no mercado de trabalho queremos focar tanto sua luta pelo reconhecimento de sua produção artística (reconhecimento profissional) quanto sua luta pela sobrevivência financeira (busca de salário e renda). Pensando os profissionais da música inseridos em redes de produção musical integradas em cadeias e arranjos da música nos contextos das indústrias da cultura e da indústria criativa no capitalismo contemporâneo.

Nossa investigação das relações laborais na produção da música pretende fazer uma crítica da fetichização da música e de sua lógica capitalista. No mercado de consumo as mercadorias musicais surgem padronizadas e atrativas ao consumo. Na sociedade capitalista dentro de sua lógica de valorização, a música assume o seu caráter fetichista. Assim, buscamos compreender a produção da arte musical e as condições sociais de seus produtores. Olhando a dupla busca do profissional da música: pelo reconhecimento e pela sobrevivência.

Delimitamos como nosso objeto de investigação os trabalhadores do núcleo criativo do campo da música em São Luís do Maranhão. Nosso foco de pesquisa são os músicos (ou músicas no gênero feminino) aqueles que atuam diretamente na produção musical: músicos autores, compositores e arranjadores; interpretes cantores e instrumentistas; regentes e musicólogos. Temos interesse em investigar os trabalhadores que atuam no núcleo criativo do arranjo da música e suas relações com produtores e empresários como parte do arranjo – criativo e produtivo – da música.

Nossa investigação adota uma estratégia metodológica que busca uma forma de triangulação de saberes das ciências sociais. Pelas especificidades de nosso objeto de investigação (trabalho artístico musical) com suas dimensões e múltiplas determinações - em nossa abordagem o objeto artístico musical tem diversas dimensões: estéticas e culturais, socioeconômicas e políticas - iremos inter-relacionar conhecimentos da sociologia do trabalho e da sociologia da arte e da cultura, e da sociologia da música, desenvolvendo, assim, no sentido de Howard Becker, uma forma de *sociologia do trabalho artístico*. Utilizamos metodologias qualitativas e quantitativas e buscamos conjugar os métodos da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental, da análise estatística, da amostragem, da observação direta e da entrevista.

A pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho & Sociedade (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais / UFMA) e das pesquisas do Observatório do Mercado de Trabalho do Maranhão (Convênio MTE/UFMA).

SOBRE A ARTE E O TRABALHO ARTÍSTICO

Partimos de uma perspectiva sócio antropológica da arte no sentido de olhar para a arte para além da cultura ocidental e do moderno sistema de arte. Para o antropólogo Franz BOAS: “De uma forma ou de outra, o prazer estético é sentido por todos os membros da humanidade”; além de que: “Todas as atividades humanas podem assumir formas que dão a elas valores estéticos”, afirmou em sua obra “Arte Primitiva” (2014, p. 13).

Nesse sentido, concebemos a arte como uma realidade empírica que envolve a existência e o funcionamento do moderno sistema de arte, com suas lutas internas, relações sociais, processos de cooperação e de competição. Arte tendo diversas dimensões: culturais e simbólicas, econômicas, políticas e institucionais. Sendo a arte um segmento específico de todas as práticas estéticas que se realizam na sociedade.

Geertz (2007) fala de arte como um *sistema cultural*, reconhece que “é difícil falar de arte. Pois a arte parece existir em um mundo próprio, que o discurso não pode alcançar” (p.142). Contudo Geertz (2007) reconhece como sendo mais importante destacar é o fato de que:

Só no Ocidente e talvez só na Idade Moderna, surgiram pessoas (ainda uma minoria que, suspeitamos, está destinada a permanecer minoria) capazes de chegar à conclusão de que falar sobre arte unicamente em termos técnicos, por mais elaborada que seja esta discussão, é suficiente para entendê-la, e que o segredo total do poder estético se localiza nas relações formais entre sons, imagens, volumes, temas ou gestos (2007, p.145).

Geertz ressalta que: “em qualquer sociedade, a definição de arte nunca é totalmente intra-estética; na verdade, na maioria das sociedades ela é só marginalmente intra-estética”. Sendo que o processo de atribuição de significado cultural aos objetos de arte sempre é local (GEERTZ, 2007, p. 146).

Em nossa perspectiva a arte constitui-se, primeiro, como uma atividade e um processo humano, pensado ou espiritualmente concebido, que envolve pensamento, imaginação, intuição, emoção, representação de imagens, seleção

e escolha de elementos, voluntário e ordenado e que se substancia em uma obra (*opus*) ou em uma ação (*actio*) (CUNHA, 2003).

A arte, portanto, determina-se pela criação de uma forma ou estrutura física artificial, na qual se fundem conteúdos psíquicos e intelectuais de ordem subjetiva, envolvidos, no entanto, pela objetividade do mundo sócio cultural (CUNHA, 2003, p.39).

Em segundo, consideramos a arte como um fenômeno social que sofre influências das relações materiais e produtivas da sociedade. O artista, ou qualquer outro trabalhador criativo, está condicionado pelos progressos técnicos da arte, pela sua organização e pela divisão social do trabalho vigente. A arte e seus produtos trazem consigo diversos valores e significados socioculturais (CUNHA, 2003).

Os objetos/produtos de arte são bens simbólicos que têm a natureza de serem realidades de dupla face: “mercadorias e significações, cujo valor propriamente simbólico e o valor mercantil permanecem relativamente independentes” (BOURDIEU, 1996, p.162).

A obra de arte é uma mercadoria na sociedade atual, sendo até objeto de especulação no mercado de arte contemporâneo. Para Godbout (1999) a obra de arte não é apenas uma mercadoria e trata-se de uma “estranha mercadoria” (p.101). Godbout (1999) define o *tipo ideal* de artista (no sentido weberiano) a partir de determinadas características.

A primeira característica que distingue o artista dos demais produtores é o fato que ele se dedica inteiramente ao produto sem preocupar-se com a clientela. Para Godbout (1999) “o artista quer realizar o sonho de todo produtor: fabricar um produto numa total independência em relação ao cliente” (p.102). Para Godbout (1999, p. 102) trata-se não apenas de uma característica principal, mas também sua condição de existência: “o verdadeiro artista não atende a uma encomenda de clientes”. Por outro lado, o cliente (comprador-consumidor) não pode modificar o produto, “deve respeitá-lo”.

A segunda característica do tipo ideal de artista (GODBOUT, 1999, p. 103), aponta a extrema importância atribuída ao próprio processo de produção e sobretudo ao vínculo entre o produto e o produtor, onde se dá importância ao modo como o produto foi feito e ao estado de alma de quem o produziu. Em contraste e oposição com a forma de produção moderna capitalista (sistema de máquinas) onde se insiste que o sistema produz “sozinho”, ou seja, independente do produtor.

Já na terceira característica, aponta Godbout (1999, p. 103), no *sistema artístico* produtor e cliente não se distinguem de forma habitual. Neste sistema: “o cliente compartilha os valores do produtor” (...). “Apraz-lhe pensar que, ao adquirir uma “obra” (nem mesmo se fala de produto), ele está participando de algum modo da comunidade dos artistas. Por isso deve respeitar a obra e seu autor, ou seja, não tratar a obra como um produto”. Para Goudbout (1999) esta característica não se aplica apenas ao produtor-cliente, mas também a todos intermediários (p.103).

Assim a busca ou luta pelo reconhecimento profissional é cheia de contradições. O labor artístico musical envolve imaginação e criatividade dentro de um ambiente social e (idealmente) sem uma preocupação com o gosto do público cliente.

Para Bourdieu (1996) o *processo de especialização da arte* no mundo moderno levou ao aparecimento de dois modos de produção e de circulação que obedecem a lógicas inversas: 1- Uma produção de obras “puras”, a economia anti-“econômica” da arte pura, baseada no reconhecimento dos valores do desinteresse e da denegação do lucro “econômico” de curto prazo; e, 2 - Uma produção cultural destinada ao mercado dentro de uma lógica “econômica” das indústrias artísticas e culturais – comércio dos bens culturais (BOURDIEU, 1996, p.162/163).

Para Theodor Adorno (1986) a Sociologia da arte deve abranger todos os aspectos da relação entre arte e sociedade (p.108). O ideal da Sociologia da arte “seria confrontar análises objetivas, i.é, análises dos mecanismos das obras junto com análises dos mecanismos estruturais e dos mecanismos específicos de

atuação, com análises dos dados subjetivos registráveis” (ADORNO, 1986, p.110).

Assim, para Adorno (1986) uma análise objetiva da arte (produtor-produto-cliente), deve levar em conta os conteúdos da obra assim como seu contexto social, buscando compreender como a arte se situa socialmente e como a sociedade se objetiva nas obras de arte (p.114). A obra de Theodor Adorno está marcada pela convicção de que a análise sociológica da arte não deve separar a forma estética do conteúdo – a teoria musical e a teoria social.

A obra de Adorno traz a questão da mudança na função da música na sociedade capitalista. Altera-se a relação arte e sociedade com a subjugação do valor de uso estético ao valor de troca (arte mercadoria). O capitalismo transforma a obra de arte em mercadoria (produtos e serviços artísticos culturais).

A obra de Norbert ELIAS (1995, p. 32/34) traz contribuições no sentido de pensar a questão da busca da autonomia do artista. A partir da análise da trajetória social de Mozart e de sua decisão de se tornar um artista autônomo, Elias levanta a questão do lugar do músico na estrutura social, a questão do músico artesão, assalariado oficial e do artista livre dentro de um mercado livre. Em busca de reconhecimento e de autonomia artística e financeira.

O trabalho de Howard BECKER (2010) nos traz contribuições importantes para nossa investigação por pensar a arte como uma ação coletiva e apontar para *a rede de atividades coordenadas* que envolve todo trabalho artístico. BECKER (2010) argumenta que é preciso primeiro olhar para as artes com o objetivo de criar problemáticas de investigação. BECKER vê a arte de forma coletiva e plural quando afirma que:

Os mundos das artes são constituídos por todas as pessoas cujas atividades são necessárias à produção de obras que esse mundo, bem como outros, define como arte (BECKER, 2010, p.54).

A partir das reflexões teóricas de BECKER (2010) damos ênfase em nossa investigação ao elenco de personagens que integram as redes de atividades laborais que formam o mundo do trabalho artístico musical.

AS CONDIÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO ARTÍSTICO

Após ver contribuições de autores da Antropologia e da Sociologia das Artes iremos refletir sobre as contribuições de autores da Sociologia do Trabalho a fim de construir uma Sociologia do trabalho artístico. Para pensar as práticas e atividades artísticas musicais no campo da Sociologia do Trabalho no Brasil, destacamos os estudos e pesquisas de Liliana SEGNINI (2006, 2007, 2011, 2014).

Para SEGNINI (2007) o trabalho do artista “significa ao mesmo tempo – expressão artística (criação ou interpretação), e, realização de um trabalho, exercício de uma profissão” (p. 2). Seu estudo analisou as formas que assumem as relações salariais em duas orquestras reconhecidas como referências prestigiosas em seus respectivos países – Brasil e França. A autora ressalta que:

O trabalho do artista é frequentemente analisado privilegiando-se sua performance ou obra (...). No entanto, as relações de trabalho e profissionais, implícitas nestes processos, são pouco analisadas e contextualizadas (SEGNINI, 2006, p.321).

SEGNINI (2006) considera importante estar atento para as múltiplas singularidades nos processos de produção de arte e alerta que “são vastos e heterogêneos os espaços e as formas de trabalho do artista músico” (p. 321). Nos interessa em particular determinadas dimensões destacadas por SEGNINI (2011, p. 177) em sua análise do mercado de trabalho no campo da música:

- (1) Aspectos da expansão da música enquanto campo econômico;
- (2) O reduzido número de trabalhadores protegidos pela legislação em vigor, considerado formal no Brasil, e;
- (3) As múltiplas formas de trabalho intermitente;
- (4) O crescimento de músicos cooperados e produtores.

Os resultados da pesquisa de SEGNINI (2011) apontam para “o crescimento da relevância do trabalho artístico nas economias nacionais e para a diversificação e intensificação das formas de procura por trabalho, por parte dos

artistas, em um mercado cada vez mais competitivo, no qual vivenciam relações de trabalho predominantemente intermitentes” (p.178).

O crescimento da participação de produtores profissionais na venda do trabalho artístico (ou dos esforços dos próprios artistas para produzirem seus espetáculos), bem como a associação em cooperativas, constituem novas formas de trabalho observadas no campo da música (SEGNINI, 2011, p.178).

Os trabalhos de Segnini (2011, 2014) assim como os de Coli (2006) apontam para um *processo de precarização* dos trabalhos dos profissionais no campo da música lírica e erudita. Segnini (2007, p.20) também ressalta que a: “Heterogeneidade na vivência das formas instáveis de trabalho é a características central do mercado de trabalho artístico”. Assim se faz importante indagarmos sobre as condições de trabalho dos músicos populares aqueles que tem condições mais precárias.

Para Crocco (2014): “Atualmente, os poucos e importantes estudos realizados sobre o trabalho musical evidenciam a decomposição até mesmo dos seus laços e vínculos mais consistentes no campo lírico e erudito” (p.19).

Assim, o processo global de deterioração das relações de trabalho atinge uma categoria historicamente considerada flexível e suscetível à precariedade (CROCCO, 2014, p. 19).

Consideramos o campo da música um espaço vasto e heterogêneo que envolve diversas formas de trabalho que podem ser pensadas interagindo dentro de um arranjo produtivo (criativo) da música (MinC, 2012, p.25).

Neste arranjo da música temos interesse de pesquisa nas relações dos trabalhadores do *núcleo criativo* com empresários, produtores, produtoras e seus fornecedores, com as mídias, com a indústria fonográfica, e com a gestão de direitos.

Arranjo Produtivo da Música



Fonte: MinC, 2012, p. 25.

O núcleo criativo do arranjo produtivo da música é formado pelos seguintes profissionais: o compositor; o arranjador; o intérprete – cantor; e, o instrumentista. O arranjo produtivo da música ainda compreende as instituições culturais, os centros educacionais e as associações profissionais como importantes atores sociais neste campo artístico.

Nosso olhar sociológico sobre as relações de trabalho dos profissionais da música tem foco nas dinâmicas destas relações inseridas em redes de cooperação de trabalho, cadeias de produção musical e em arranjos socioeconômicos e institucionais.

Becker (2010, p. 27) destacou a *cooperação* – importante em todos os processos de trabalho – em particular nos processos de produção dos diversos mundos artes:

Todo trabalho artístico, tal como toda atividade humana, envolve atividade conjugada de um determinado número, normalmente um grande número, de pessoas. É devido à cooperação entre estas pessoas que a obra de arte que observamos ou escutamos acontece e continua a existir.

Já Menger (2005) em seu “Retrato do Artista enquanto Trabalhador: Metamorfoses do capitalismo” traz uma análise sociológica da arte a partir de sua dimensão laboral e apresenta o trabalho artístico como uma referência para o estudo das formas contemporâneas de trabalho, destacando a precarização, a flexibilidade e os múltiplos trabalhos.

Para Menger (2005) os campos das profissões artísticas constituem verdadeiros *laboratórios de flexibilidades* com seu mercado de trabalho incerto, inseguro, informal, desregulamentado e precário.

O auto-emprego, o *free-lancing* e as diversas *formas atípicas de trabalho* (intermitentes, tempo parcial, vários cachês) constituem as formas dominantes da organização do trabalho nas artes (MENGER, 2002, p.68 *apud* SEGNINI, 2006, p. 321).

Menger (2005, p.11) formula um quadro de análise para o retrato sociológico do artista e seu desafio:

Um dos desafios para uma exploração coerente e sistemática do acto de trabalho artístico parece-me ser inventar um quadro de análise que se conserve, em termos semelhantes, desde o nível mais íntimo da análise do acto de trabalho até ao estudo do sistema de organização do trabalho e do mercado de emprego artístico.

Nossa investigação aceita este desafio de explorar a questão do trabalho artístico musical desde o ato de trabalho até seu sistema de organização e mercado. Consideramos o contexto socioeconômico das artes no capitalismo flexível onde prevalecem formas de trabalho artísticas culturais não assalariada, auto-emprego, o *free-lancing* e diversas formas atípicas do trabalho (intermitência

e tempo parcial, etc.); e também consideramos as políticas de abandono da dimensão laboral com ênfase na figura do empreendedor artístico-cultural.

SOBRE AS CONDIÇÕES LABORAIS DO MÚSICO EM SÃO LUIS -MA

Olhando para a realidade social do trabalho nos mundos artísticos contemporâneos indagamos sobre diversas questões específicas do trabalho e do mercado de trabalho: Quais os tipos de contrato de trabalho predominantes no mercado de trabalho da música em São Luís - MA? De que forma os músicos vivenciam os dilemas e contradições do trabalho artístico que busca o reconhecimento profissional tendo que gerir uma situação de precariedade e de incerteza/instabilidade? Em que medida as políticas neoliberais com o novo espírito do capitalismo e a privatização da cultura forçam os artistas/músicos a se tornarem *artistas empreendedores* em uma forma de precarização de si (trabalho por conta própria ou trabalho autônomo – produção independente – coletivos de músicos independentes)?

A escolha desta temática se baseia na relevância social do *trabalho artístico cultural* na Cidade de São Luís – MA. Cidade que é Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO (1997) envolvendo os patrimônios artísticos e culturais de natureza material e imaterial. Entre os bens imateriais ou intangíveis destacamos as expressões artísticas culturais do Tambor de Crioula e do Bumba meu boi que envolvem a música, a dança, a percussão, os festejos populares e o artesanato - formando um complexo social cultural dinâmico.

Em nossa perspectiva as atividades artísticas culturais estão interligadas tanto ao arranjo produtivo do turismo (e do artesanato) quanto ao complexo arranjo das relações artístico culturais populares na Cidade de São Luís do Maranhão.

Assim, nossa pesquisa aponta a relevância social do trabalho artístico cultural na cidade que é Patrimônio Mundial da Humanidade; e a importância de dar maior visibilidade, entendimento e explicação para a condição laboral da atividade artística (em particular dos músicos) dentro uma cidade e de um Estado

tão rico em manifestações e expressões artísticas em diversas áreas como a literatura, a música, a dança, o artesanato, entre outras.

Nossa pesquisa visa contribuir para a construção de conhecimentos nesta área de estudos no Maranhão, para a *construção de políticas públicas* voltadas para a questão do trabalho em particular do *trabalho artístico e cultural* e também de políticas públicas voltadas para a questão da cultura em particular da economia cultural e criativa.

As reflexões teóricas iniciais, fruto da investigação exploratória – bibliográfica e documental – contribuem para nortear todo o processo de coleta e análise de dados estatísticos das ocupações artístico musical em suas dinâmicas de trabalho e emprego no mercado nacional e maranhense.

Dados estatísticos levantados por Segnini (2014) referente aos profissionais do Grupo “Profissionais dos espetáculos e das artes” (CBO 2002) no Brasil em 2011 apontam para uma: “reduzida participação no trabalho protegido por direitos sociais e a predominância do trabalho autônomo e por conta própria, progressivamente submetido à intensa concorrência entre os pares” (SEGNINI, 2014, p.78).

A Tabela 01 abaixo extraída do trabalho de SEGNINI (2014) mostra uma comparação entre os ocupados no Brasil, os ocupados no grupo profissionais dos espetáculos e das artes e os ocupados em música, por posição na ocupação. Nesta tabela se destacam os grupos dos músicos autônomos (94%) e dos que atuam por conta própria (70%) e a reduzida participação dos que atuam na formalidade ou com carteira (apenas 4%).

TABELA 1

Comparação entre ocupados no Brasil, profissionais dos espetáculos e das artes e músicos, por posição na ocupação (Brasil, 2011)

| Posição na ocupação | Ocupados no Brasil | % | Profissionais dos espetáculos e das artes | % | Músicos | % |
|---------------------|--------------------|----|---|----|---------|----|
| Formal | 42.923.215 | 46 | 57.845 | 8 | 5.661 | 4 |
| Autônomos | 33.680.691 | 36 | 615.196 | 87 | 119.728 | 94 |
| Sem carteira | 14.015.804 | 15 | 112.985 | 16 | 30.841 | 24 |
| Conta própria | 19.664.887 | 21 | 502.211 | 71 | 88.887 | 70 |

Fonte: IBGE/PNAD. Elaboração própria.

Na Classificação Brasileira de Ocupações – podemos encontrar os profissionais da música (com seus códigos e famílias ocupacionais) que aparecem no Grande Grupo 2: Profissionais da Ciências e da Artes (262 – Profissionais de espetáculos e das artes).

Os códigos desta família ocupacional estão sendo utilizados no levantamento estatístico.

262 PROFISSIONAIS DE ESPETÁCULOS E DAS ARTES (CBO 2010)

2621 Produtores artísticos e culturais

2622 Diretores de espetáculos e afins

2623 Cenógrafos

2624 Artistas visuais, desenhistas industriais e conservadores restauradores de bens culturais

2625 Atores

2626 Músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos

2627 Músicos intérpretes – cantor (erudito e popular) / Músicos intérprete - instrumentista (erudito e popular)

2628 Artistas da dança (exceto dança tradicional e popular)

2629 Designer de interiores de nível superior

Fonte: CBO (MTPS, 2010)

Iniciamos nosso trabalho de campo participando de reuniões de um grupo de músicos (principalmente instrumentistas e também professores de música) que se reuniram pela primeira vez no dia 26 de janeiro de 2017 nas dependências da Escola de Música do Maranhão com a finalidade de debater a formação de uma associação ou sindicato dos músicos em São Luís do Maranhão. Participei como observador das atividades deste grupo (cerca de 25 pessoas) e estabeleci contatos com diversos músicos – principalmente instrumentistas. Inicialmente realizei duas entrevistas (no mês de abril de 2017) com os dois músicos instrumentistas que estavam na organização do movimento dos músicos.

O primeiro a ser entrevistado foi Nilson Araújo Neto, ludovicense de 27 anos, aluno da Escola de Música do MA, em São Luis, no Curso de Contrabaixo. Seu interesse na música se desenvolveu utilizando instrumentos musicais da Igreja Católica. Entrou para a Escola de Música para estudar Percepção e aprender a ler e escrever música. Netinho Bass, como é conhecido, se sustenta como músico há 6 anos. Não tem registro profissional. Segundo Neto, em São Luís o mercado não exige o registro bastando apenas demonstrar a habilidade. Segundo Neto: “Na mesma proporção que você pode entrar no mercado muito rápido (...) você também é descartado com uma velocidade incrível” (18/04/2017). Neto aponta a importância das teias de relacionamentos na obtenção de trabalho, enfrentando a instabilidade no mercado. Como muitos músicos, Neto conjuga suas atividades de músico/instrumentista com a de professor de história em uma escola particular. Atua principalmente como *free lancer*, segundo ele: “aquele cara que toca com todo mundo”. Toca em bares da Lagoa da Jansen. Afirmou que sua renda como músico é maior que a renda de professor. Apesar de ganhar mais como músico, afirma a atividade como professor garante a carteira assinada, já que, como músico, atua na informalidade. Neto afirmou que: “Na música não tem nada formal”. Seus contratos de trabalho são feitos verbalmente em uma forma de acerto que não tem nada que formalize.

O segundo entrevistado foi Wesley Sousa Correa, nascido em São Paulo, mas vive em São Luís desde os 5 anos de idade. Faz curso de licenciatura em Música no 6º período na UFMA em São Luís do Maranhão. Também teve iniciação na música por influência da família evangélica com forte cultura musical.

Iniciou sua vida profissional tocando em uma Igreja protestante em um curso período. Não tem nenhum tipo de registro profissional. Afirmou que o Curso de licenciatura em música visa obter mais um campo de trabalho e atuar como professor de música. Wesley participa de uma banda chamada Argumento que se organiza de forma mais cooperativa e atua nos nichos de mercado de shows em casamento, em aniversário, e em formatura. Suas atividades se concentram em eventos de fim de semana que envolvem shows de samba e em festas de casamento e formatura onde se toca de tudo. Segundo Wesley a banda Argumento se diferencia das “bandas de mercado”. Estas “bandas de mercado” – segundo Wesley- em geral tem um proprietário (a figura do dono da banda), que faz a intermediação da prestação de serviços artísticos musicais (shows) com prefeituras, donos de bares, restaurantes e casas de espetáculo, e, depois seleciona e contrata músicos – em geral - de forma verbal. O dono da banda é uma pessoa que tem CNPJ e que podem firmar contratos para eventos, além de possuir uma estrutura física (como instrumentos e posse de um nome/marca da banda). Estes contratos são informais e apresenta valores diferentes para cada evento. Também para Wesley o rendimento obtido como músico é maior que sua atividade de professor em uma escola municipal de ensino básico. Wesley apontou as principais dificuldades enfrentadas pelos músicos instrumentistas: a primeira é a inadimplência no pagamento dos cachês dos músicos; o nível de formação e informação pequeno entre os músicos. Segundo Wesley, a associação de músicos tem por objetivo levar maior conhecimento dos direitos trabalhistas e debater possibilidades de resolução de problemas enfrentados pela categoria. Wesley aponta um cenário de falta de fomento público e a existência de uma rede formada por produtores e promotores culturais, escolas de música e estúdios precarizados. Onde o principal problema – o gargalo na cadeia da música – seria a falta de circulação da produção musical local. Um mercado em crise devido ao reduzido números de shows e eventos e o aumento do número de músicos e bandas. Assim, as relações de trabalho são marcadas, segundo Wesley, pela inadimplência, informalidade e por valores de cachê muito baixos.

Estas foram as primeiras de uma série de entrevistas (semiestruturadas e intensas) que planejamos com músicos selecionados em São Luís - MA.

Planejamos construir ao longo da pesquisa uma *amostra representativa* dos músicos e das formas de trabalho predominantes no campo da música em São Luís e no Maranhão.

Nossa amostra para uma investigação qualitativa busca ser representativa das características do universo dos músicos, estando atento às seguintes características principais: 1- posição na ocupação (formal – assalariado com carteira; sem carteira; autônomos; conta própria); 2 – corte geracional (músicos veteranos; músicos em início de carreira, e, em específico, músicos recém graduados em artes no início de carreira); 3 – corte de gênero (fazer música a partir da experiência de vida do homem e da mulher); 4- diversidade de estilos musicais – estando atento para a diversidade da cultura musical maranhense.

Dados estatísticos dos profissionais da música em São Luís e no Maranhão levantados recentemente no banco de dados da RAIS 2015 (trabalhadores formais) indicam um total 446 profissionais das artes e do espetáculo no Maranhão sendo 115 profissionais da música no Maranhão com 66 deles na capital.

Tabela 1: PROFISSIONAIS DA MÚSICA - MA – 2015

| Código CBO/MTE - Ocupação | Maranhão | | São Luís | |
|---|------------|-------------|-----------|-------------|
| | Número | Em % | Número | Em % |
| 2349-15 Professores de música, artes e drama do Ensino Superior | 16 | 13,91% | 07 | 10,60% |
| 2626 Músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos | 44 | 38,26% | 12 | 18,18% |
| 2627 Músicos intérpretes | 55 | 47,82% | 47 | 71,21% |
| Total | 115 | 100% | 66 | 100% |

Fonte: RAIS 2015

Tabela 2: PROFISSIONAIS DO ESPETÁCULO E DAS ARTES – MA - 2015

| Código CBO/MTE - Ocupação | Maranhão | | São Luís | |
|--|------------|-------------|------------|-------------|
| | Número | Em % | Número | Em % |
| 2612 Produtores de espetáculos | 50 | 11,21% | 32 | 12,45 |
| 2622 Diretores de espetáculos e afins | 14 | 3,13% | 5 | 1,94 |
| 2623 Cenógrafos | 54 | 12,10% | 35 | 13,61 |
| 2624 Desenhistas industriais (designers), escultores, pintores e afins | 177 | 39,68% | 92 | 35,79 |
| 2626 Músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos | 44 | 9,86% | 12 | 4,66 |
| 2627 Músicos interpretes | 55 | 12,33% | 47 | 18,28 |
| 2628 Coreógrafos e bailarinos | 52 | 11,65% | 34 | 13,22 |
| Total | 446 | 100% | 257 | 100% |

Fonte: RAIS 2015

Tabela 3: ATIVIDADES NO CAMPO DAS ARTES - MA - 2015

| Código CNAE/IBGE - Ocupação | Maranhão | | São Luís | |
|--|------------|-------------|-----------|-------------|
| | Número | Em % | Número | Em % |
| 9001-9 Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares | 118 | 96,72 | 96 | 96,96 |
| 9003-5 Gestão de espaços para artes cênicas e outras atividades artísticas | 04 | 3,27 | 03 | 3,03 |
| Total | 122 | 100% | 99 | 100% |

Fonte: RAIS 2015

Os dados do IBGE/PNAD (2011) apresentados por (SEGININI (2014) apontam que no Brasil apenas 4% dos músicos e 8% dos profissionais das artes e do espetáculo estão ocupados com contrato formal de trabalho com registro em carteira no mercado de trabalho, e, com 87% dos profissionais das artes e do espetáculo e 94% dos músicos atuando de forma autônoma. Assim podemos

projetar um universo significativo de profissionais da música em São Luís e no Estado do Maranhão que atuam de forma autônoma, por conta própria ou na informalidade, recebendo cachês ou atuando como *free lancer*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras entrevistas com músicos instrumentistas e outros músicos apontam uma situação de instabilidade e de precariedade do trabalho. Os primeiros relatos foram obtidos com músicos instrumentistas que estão organizando e liderando fóruns de debates sobre condições de trabalho e direitos dos músicos no intuito de formar uma associação ou sindicato de músicos em São Luís - MA. Os relatos dos músicos instrumentistas indicam situações de inadimplência dos contratantes do serviço artístico-musical e pagamentos com valores baixos (sem atualização do valor dos cachês).

Nossa comunicação de pesquisa procurou trazer uma reflexão sobre a questão laboral no campo artístico musical, e trazer, ainda de forma preliminar, uma análise dos primeiros dados (primários e secundários) da realidade social do trabalho no campo artístico e cultural em São Luís – MA. A fim de aprofundar temáticas da pesquisa e, sobretudo, contribuir para o desenvolvimento de estudos e pesquisas do trabalho e do mercado de trabalho no campo artístico musical, no contexto dos estudos das indústrias culturais e criativa.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. O fetichismo da música e a regressão da audição. In: In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W.; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 [Coleção “Os Pensadores”].

_____. A Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Introdução à Sociologia da Música – Doze preleções teóricas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011 (Epílogo – Sociologia da Música).

_____. Teses sobre a Sociologia da Arte. In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Sobre Música Popular. In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

ALAMBERT, Francisco. Arte como mercadoria. In: WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BECKER, Howard S. Arte como Ação Coletiva. In: *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BECKER, Howard S. *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BOAS, Franz. *Arte Primitiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Ar regras da arte: *Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BRASIL – MTE. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010*. 3a ed. Brasília-DF: MTPS/SPPE, 2010.

BRASIL - MINISTÉRIO DA CULTURA. *Cultura em números: anuário de estatísticas culturais*. 2ª.ed. Brasília: MinC, 2010.

_____. *Plano da Secretaria da Economia Criativa: Políticas, diretrizes e ações, 2011-14*. Brasília, MinC, 2012.

CANCLINI, Nestor. G. *A Produção Simbólica: Teoria e Metodologia em Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

COLI, Juliana. A precarização do trabalho imaterial: O caso do cantor do espetáculo lírico. In: ANTUNES, Ricardo (org.) *Riqueza e Miséria do Trabalho do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

CROCCO, Fábio L.T. Condições e contradições da atividade artística: Um estudo sobre os profissionais da música e seus representantes coletivos no Brasil e em Portugal. Marília – SP: Tese de doutorado – UNESP, 2014.

CUNHA, Newton. *Dicionário SESC: A linguagem da cultura*. São Paulo: Perspectiva: SESC São Paulo, 2003.

DIEESE. Estudo sobre o mercado de trabalho na cadeia produtiva da Economia Criativa em Curitiba. São Paulo: DIEESE/PMC, Outubro de 2014.

ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995

GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. In: *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 9ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GODBOUT, Jacques. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

GREFFE, Xavier. *Arte e Mercado*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2013.

IBGE. *Sistema de Informações e Indicadores Culturais – 2007/2010*. Rio de Janeiro: IBGE/MinC/MPOG, 2013 (Estudos e Pesquisas IDSE N. 31).

_____. “*Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: cultura: 2014*”. IBGE - Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MENGER, Pierre-Michel. *Artists as workers? Theoretical and methodological challenges*. Elsevier. Poetics 28 (2001) 241-254.

_____. *O retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Lisboa: Roma, 2005.

SEGNINI, Liliana R.P. Acordes dissonantes: assalariamento e relações de gênero em orquestras. In: ANTUNES, Ricardo (org.) *Riqueza e Miséria do Trabalho do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. *Criação rima com precarização: Análise do Mercado de Trabalho artístico no Brasil*. Paper apresentado ao GT 29 – Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007.

_____ *Os músicos e seu trabalho*. Tempo Social – Revista de Sociologia da USP, V.25, N.1, Junho de 2014.

UNCTAD. Relatório de Economia Criativa. Brasília: MinC/UNCTAD-UN, 2010.

WEBER, Max. *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*. São Paulo: EdUSP, 1995.

WOLFF, Janet. *A produção Social da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WU, Chin Tao. *A privatização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2006.

ZOLBERG, Vera L. *Para uma Sociologia das Artes*. São Paulo: SENAC, 2006.